



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

11 e 12 de agosto de 2018

Diário Catarinense
Esporte
"Pista sintética"

Pista sintética / Jogos Abertos de Santa Catarina / Pista de atletismo /
Universidade Federal de Santa Catarina / Florianópolis / JASC



PISTA SINTÉTICA

A Comissão Organizadora da 58ª edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina corre contra o tempo para concluir as obras da pista de atletismo. O trabalho agora, depois da pavimentação, será a colocação da borracha. Caçador será o quarto município catarinense a contar com uma pista sintética. Desde a fronteira com a Argentina, a mais próxima era a do Complexo do Sesi, em Blumenau. As outras duas ficam em Jaraguá do Sul e na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Os Jasc acontecem entre os dias 6 e 16 de setembro.

Notícias do Dia
Panorama
"Troca de comando"

Troca de comando / Eduardo Pinho / Federação das Indústrias de Santa Catarina / FIESC / Mario Cezar de Aguiar / Florianópolis / Gilberto Seleme / Glauco José Corte / Curso de Engenharia Civil / UFSC



TROCA DE COMANDO

O governador Eduardo Pinho Moreira participou nesta sexta-feira (10) de um almoço com integrantes da diretoria da Federação das Indústrias de Santa Catarina – FIESC. O encontro reuniu diversas autoridades, além da apresentação do novo presidente da Fiesc, o industrial Mario Cezar de Aguiar na sede da entidade, em Florianópolis. Ele foi eleito em junho e terá como vice-presidente Gilberto Seleme. Mario Aguiar sucede Glauco José Corte que permaneceu a frente da Fiesc de 2011 a 2018. O governador parabenizou a administração efetiva de Glauco, e destacou o trabalho realizado para oferecer mais visibilidade e competitividade à Santa Catarina. "Uma administração que fortaleceu o desenvolvimento da tecnologia e inovação para crescimento da indústria na economia catarinense", afirmou o governador.

O novo Presidente da Fiesc: Mario Cezar de Aguiar, empossado na noite de sexta-feira, (foto) é engenheiro civil formado pela Ufsc. Empresário, atua no setor da construção civil, e ocupou o cargo de Vice-Presidente da Fiesc no último mandato.

Diário Catarinense e A Notícia

Eleições 2018

"Temos um estado invisível e ausente"

Temos um estado invisível e ausente / Décio Lima / Candidato / Governo de Santa Catarina / Campus / Universidade Federal de Santa Catarina / Rua João Pessoa



DÉCIO LIMA CANDIDATO DO PT AO GOVERNO DE SC

SÁBADO E DOMINGO, 11 E 12 DE AGOSTO DE 2018 10 e 11

TEMOS UM ESTADO INVISÍVEL E AUSENTE

Executivo não é uma novidade para Décio Lima. Prefeito de Blumenau de 1997 a 2004, o candidato volta a pleitear uma cadeira dessa característica neste ano, porém em nível estadual. Deputado federal nas últimas três legislaturas, carregou a responsabilidade de ser o presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e de ter sido o líder da oposição na Câmara. Filiado ao PT desde 1981, Décio traz um discurso de qualificação dos sistemas de saúde e segurança pública, e escolheu a palavra "renovação" como aquilo que quer para SC.

Quando o senhor assu, niu a presidência do partido e depois a pré-candidatura, disse que era preciso tirar o partido do isolamento. Agora o senhor é candidato, mas com chapa pura. O que diferencia a sua candidatura à de Claudio Vignatti quatro anos atrás?

Acho que a própria conjuntura do país e do Estado. O Brasil foi tocado por um conjunto de acontecimentos que hoje batem à porta do povo catarinense. O povo catarinense já contabiliza neste momento quase meio milhão de desempregados. Nós temos outros quase meio milhão na fila da saúde. O povo catarinense, diferente de 2014, hoje se sente ameaçado na retirada de direitos. Se sente prejudicado por um processo que levou o país a neste momento estarmos pagando a segunda gasolina mais cara dos países produtores de petróleo no mundo. O Brasil está vivendo algo que não imaginávamos em 2014. Somado a isso, a conjuntura do próprio Estado. Em 2014 nós tínhamos um processo de reeleição do governador Colombo. E neste momento, claramente, nós temos o fim de um ciclo da política catarinense. Vejo que a condição hoje de tocar um processo de renovação na política de SC nos traz um claro otimismo de poder estar conduzindo um processo diferente na história do povo catarinense e muito diferente daquela conjuntura de 2014. E por falar de alianças, acredito que a grande aliança que se pretende neste momento, e estou convencido, é com o povo de SC no conteúdo que possa garantir um conjunto de modificações na vida do povo catarinense e também nas circunstâncias históricas em que SC sempre esteve, de certa forma, hegemônica nas últimas quatro décadas. Dominada por um processo oligárquico, dos mesmos, e com continuidades de erros que não estão permitindo que SC possa dar aquilo que sua gente potencialmente já poderia ter atingido que é um salto na qualidade de vida, na melhoria das condições estruturais do Estado, na prestação de serviços ao nosso povo. É triste a gente chegar ao final deste ciclo com um Estado praticamente invisível, ausente na grande maioria do povo catarinense

Em 1996, na eleição municipal de Blumenau o senhor era um patinho feio e acabou vencendo. Existe alguma relação daquela eleição para essa, por exemplo, no que diz respeito à estratégia de campanha?

A estratégia minha sempre foi de trazer a ocupação de um conteúdo propositivo. O povo quer saber o que a gente pode fazer por ele. Me recordo que naquela eleição eu disputava ela junto do companheiro Inácio Mafra, que era um sindicalista, com megafone na mão, e com 11 can-

didatos a vereador, que depois ficaram sete. Uma coligação tinha 120, outra também, e o que ganhou foi a proposta. Qual foi a proposta que entusiasamos à época? Dos valores que precisavam ser colocados para tocar a vida do povo de Blumenau. E a vida do povo de Blumenau no período em que fui prefeito foi tocada, tanto que me levaram à reeleição com 63% dos votos do povo da cidade, e entregando o mandato em 2004 com pesquisa feita pelo Ibope me dando 85% de aprovação. É nisso que acredito. Não se trata apenas da repetição da história. Acredito que nesta eleição o povo catarinense vai observar com todo carinho, ver aquele que realmente pode renovar, inovar, e enfrentar as adversidades que estão colocadas.

O senhor é fruto de uma safra de prefeitos que o PT fez no Estado em um momento de crescimento, mas desde então o partido só vem diminuindo as votações, principalmente depois de assumir o governo federal. O governo federal petista errou com SC?

Essa tua colocação revela o desafio nosso. Acho que os processos que ocorreram em SC são mais resultado da falta de um pragmatismo que não foi correto na política ao longo dos processos históricos. Ou seja, nós em dado momento resolvemos apoiar em segundo turno uma candidatura e chamamos aquilo de apoio crítico. Na época defendi que não existe isso.

O senhor está se referindo à primeira eleição de Luiz Henrique (PMDB)?

Isso. Apoio crítico é se omitir. Esse foi um erro do PT que eu reconheço. Acho que quando você apoia, tem que abraçar e ajudar. A política entre partidos termina quando terminam as eleições. Acho que por conta de atitudes dessa natureza nós aqui no Estado não cumprimos uma tarefa que a história lá atrás já havia reservado. Quero dar números. Foi no governo Lula que se permitiu que a qualidade de vida do nosso Estado melhorasse. Em 2000, antes do 2002, o IDH do nosso Estado era de 0,67. No governo Lula até no primeiro mandato da presidenta Dilma o nosso IDH subiu para 0,76, alguma coisa. Foram nesses momentos em que houve um aumento na qualidade de vida do povo de SC. Houve um processo de indução, de desenvolvimento local dos municípios. Os prefeitos sabem o que foi o processo republicano. Eu vivi muito isso porque fui prefeito durante seis anos do presidente Fernando Henrique Cardoso e em dois anos de Lula a diferença foi do dia para a noite. Então penso que o erro da falta de crescimento da política do PT foi em decorrência apenas do seu pragmatismo, que a gente chama de erro da tática, mas não por conta do ambiente de melhoria da vida do povo catarinense que se deve a esses espaços no governo federal.

Nesse momento político se fala muito de antipetismo, antilulismo. Como o senhor pretende atrair o eleitor que está indeciso neste momento e que está sujeito a essas opiniões que surgem contrárias ao próprio PT?

Acho que não são (as pessoas) contrárias só ao

PT. Tenho analisado as pesquisas e há um sentimento justo e legítimo do povo brasileiro e da sociedade catarinense contra a política. A política se tornou palco, infelizmente, em decorrência do sistema e dos acontecimentos dos últimos dois anos, de uma indignação do povo. Acho que há hoje um antipetismo muito mais forte. Há hoje uma indignação com procedimentos seletivos. Por que hoje muitos estão soltos, não são punidos? Tenho plena convicção de que os erros que ocorreram neste processo precisam ser refletidos do ponto de vista genérico. Não são só erros do PT. São erros de um sistema que infelizmente não soube e não deu condições de lapidar essa preciosidade que é a democracia. Aqui nós podemos ter diferenças do ponto de vista de pensamento, de atitudes, mas nós concordamos que a democracia é universal. Penso que, com muita tranquilidade, de que esse sentimento que existe é contra a política, que infelizmente decepcionou claramente a sociedade brasileira e a sociedade catarinense.

Como seria um governo petista em comparação aos outros governos que experimentamos em SC desde a redemocratização?

Acho que há um sentimento claro de renovação, isso é incontestável. Agora para se possa afirmar essa palavra "renovação" é preciso ter biografia. Não posso imaginar que os que estão no governo ou que estiveram durante 40 anos podem falar em renovar. Acredito que a renovação é decorrente de compromissos, de conteúdo. Acho que algo salutar na nossa candidatura é justamente não estarmos amarrados ao fisiologismo da política catarinense, que levou a esse processo de estagnação, que em detrimento do povo catarinense privilegiou os interesses dos partidos políticos que sempre estiveram no processo do poder. Quero renovar SC trazendo para cá as causas que nunca foram trazidas em um processo de governança. As feridas do nosso povo. Uma SC que tenha um processo fantástico de pequenas propriedades, como é a agricultura familiar, e ao mesmo tempo uma agricultura familiar, e ao mesmo tempo uma SC que hoje é totalmente desprotegida pela tutela do Estado. Hoje a gente convive com quase meio milhão de desempregados e não há uma política para aquele que mais produz empregos, que é justamente o pequeno empreendedor. Hoje 700 mil, quase 750 mil postos de trabalho são da micro e pequena empresa. Da média empresa outros 400 mil empregos. E ao mesmo tempo outros 400 mil empregos. E ao mesmo tempo SC nas últimas décadas trabalha em benefícios fiscais apenas para grandes empresas. Então para renovar é preciso ter alguém que vá para ali sem compromissos com o *status quo* de convivência desses 40 anos da governança de SC. Quero governar com o povo, com a sociedade, e construir um governo que não seja contaminado apenas pelos partidos políticos. Não que eles não sejam importantes, mas que você governe com os setores da sociedade. Com os setores que precisam ser incluídos, com os setores médios, com o setor produtivo das várias cadeias, mas tendo claro que

PERFIL

NASCIMENTO:

19/8/1967

NATURAL DE:

ITAJAÍ

PROFISSÃO:

ADVOGADO

E PROFESSOR

ESCOLARIDADE:

SUPERIOR

CARREIRA POLÍTICA:

VEREADOR EM BLUMENAU

DE 1993 A 1996,

PREFEITO DE BLUMENAU

DE 1997 A 2004,

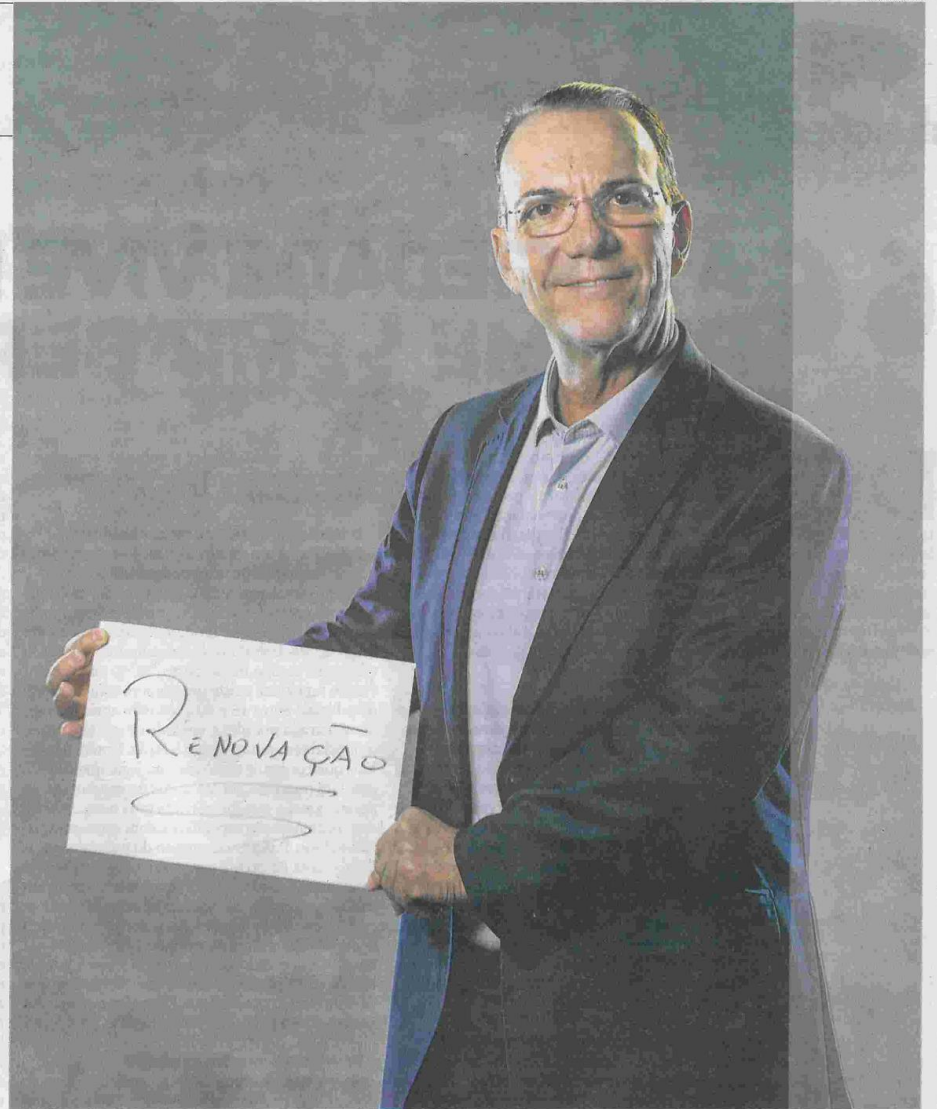
DEPUTADO FEDERAL DE

2005 ATÉ AGORA.

SC precisa sobretudo iniciar esse processo acreditando nas suas próprias vocações. Quando a gente fala em geração de oportunidades, de empregos, nós não podemos imaginar isso sem pensar isso sem apostar no micro e pequeno empreendedor, na agricultura familiar, nas vocações regionais, porque SC vive um processo de pluralidade, e sobretudo na juventude. Quero dizer que tem algo em que eu acredito e que me entusiasma, que é o processo de inovação. Nós temos à disposição do povo catarinense as condições de criarmos um processo de geração de renda, sobretudo para a juventude, no mundo da inovação, da tecnologia, não só acreditando nos conteúdos de criação de startups, mas também fazendo com que o jovem possa ter minimamente um aparelho, para que dentro desse aparelho ele tenha inclusão digital e faça renda, que é um novo modelo de empregos que o mundo está oferecendo.

Em 2013 começaram as obras de duplicação da BR-470. Foi só cinco anos depois, no início deste semestre, que começaram os trabalhos no lote 4. Qual o papel do governo do Estado quanto à obra? E o senhor se arrepende dos outdoors espalhados à época e que comemoravam a duplicação.

Não, porque os outdoors foram uma publicidade que foi mal compreendida. Me cobram muito aqueles outdoors. Até é bom que você tenha tocado nesse assunto. Primeiro, eu coloquei nos outdoors que estava trazendo o novo campus da Universidade Federal de Santa Catarina. E ele está lá (o campus), instalado, na Rua João Pessoa. O outdoor quando falava da BR-470 é porque eu havia conquistado naquele momento que a BR-470 fosse inserida no PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), porque ela estava fora. A luta pela BR-470 eu fiz sozinho, não tive o apoio de nenhum governador, de nenhum senador do Estado, de nenhum deputado federal. Sozinho fiz essa luta. Aliás, todos os outros torcendo, infelizmente, contra, porque se diminuíssemos no processo político. Então o que foi colocado naquele momento era o outdoor dizendo "conseguimos iniciar a obra da BR-470". Agora, quero dizer que se nós tivéssemos tido os apoios do conteúdo político de SC na grandeza do que é importante, tenho convicção que ela estaria em um processo muito melhor. Mas nada me tira o orgulho de dizer que a obra que está lá, embora do jeito em que está, foi conquistada sozinha por um deputado federal que trabalhou dia e noite, permanentemente, que brigou o tempo todo para que ela se tornasse um acontecimento nos 74 quilômetros de Navegantes a Indaial e também nos quatro trechos. Quero também dizer que houve nesse processo uma ruptura, porque a partir de 2016 essa obra praticamente, como você pode olhar nos recursos, como eles foram repassados pelo governo Temer. A Dilma, inclusive, esteve lá, a data do contrato, se não me engano, era para terminar a obra em 2017, mas tiraram a Dilma. Foi uma obra prejudicada também pela pauta brasileira. Aliás, SC foi terrivelmente massacrado nessa época. Se vocês pegarem os investimentos do governo federal que vinham até o momento em que a Dilma era presidente da república e pegarem esse período agora, vocês verão um gráfico decadente do ponto de vista das obras públicas estruturantes para SC. A BR-470 é vítima também desse estado de exceção que estamos vivendo, porque diminuíram-se os recursos. Para além disso, houve um processo que não foi pensado pela engenharia na época que são as desapropriações. Houve um processo de aden-



samentos ao longo da BR-470 e isso não entrou em conta e que é o problema que teremos que enfrentar, principalmente entre Blumenau e Indaial. Agora para isso é que precisa de um governador comprometido com as feridas do nosso povo. Imaginar que foi um deputado federal que trouxe a BR-470, que ninguém fez nada. Um governador tem que abraçar os problemas do Estado com responsabilidade e com grandeza, com espírito forte, de trazer uma conquista tão atrasada e que já era para ter acontecido há muitos anos, que é a obra da BR-470.

Temos hoje uma guerra de facções em SC e uma sensação de insegurança muito grande. O que o senhor vai fazer para resolver esse problema?

Acho que todo o povo catarinense tem um enorme orgulho das nossas instituições, da Polícia Militar, da Polícia Civil, que são extraordinariamente respeitadas. Penso que SC para além disso tem algumas questões além das facções e que precisam ser enfrentadas. A primeira delas é um processo cultural. Um Estado que tem uma imagem muito expressiva de orgulho histórico. O Estado de Anita Garibaldi e que se permite a cometer um feminicídio por semana. Uma mulher é assassinada a cada sete dias na vida comum.

Um Estado com o nosso, que tem meia milhão de desocupados, de jovens a partir dos 14 anos e pessoas que vivem desintegradas do apoio familiar e que constroem um processo de delinquência permanente. Nós não temos uma política protetora, preventiva, do ponto de vista da segurança e também não temos um debate nas escolas do ponto de vista cultural. Temos algum problema na questão cultural e educativa, em que nós temos que debater a questão do gênero, da igualdade, mostrar que a mulher é intocável, e que nós não podemos ser um Estado com essa força a cometer assassinatos em razão das passionalidades e da falta de igualdade de gênero. Quero fazer para SC um Susp (Sistema Único de Segurança Pública). Temos que parar com essa dicotomia no debate da segurança pública dos que querem que bandido bom seja bandido morto, é daqueles que defendem os direitos humanos. A ideia hoje mais forte no Brasil é o Susp, unificando tudo aquilo que leva aos processos de insegurança e, claro, os investimentos que precisamos fazer. Além disso, temos que discutir a presença das organizações criminosas no setor penitenciário que hoje já tem um sufoco. Não é justo que SC arque com essa recepção. Temos 21 mil detentos e capacidade para 17 mil. O processo estruturante tem que ser unificado.

Diário Catarinense e A Notícia Eleições 2018

"Nossa grande aliança é com a sociedade"

Nossa grande aliança é com a sociedade / Candidato / Governo do Estado /
Rogério Portanova / Coordenador de Gestão Ambiental / UFSC

ELEIÇÕES
2018

ROGÉRIO PORTANOVA CANDIDATO DA REDE AO GOVERNO DE SC

SÁBADO E DOMINGO, 11 E 12 DE AGOSTO DE 2018 21

“NOSSA GRANDE ALIANÇA É COM A SOCIEDADE”

PERFIL

NASCIMENTO:
22/7/1958
NATURAL DE:
PORTO ALEGRE (RS)
PROFISSÃO:
ADVOGADO
ESCOLARIDADE:
SUPERIOR
CARREIRA
POLÍTICA:
NUNCA FOI ELEITO
PARA CARGO
PÚBLICO

Um dos fundadores do Partido Verde no Brasil, presidente da Fatma e atual coordenador de Gestão Ambiental na UFSC. Aos 60 anos, Rogério Portanova carrega uma história pessoal dedicada ao meio ambiente e à sustentabilidade. Não à toa, foi escolhido pela Rede como o candidato ao governo do Estado e principal porta-voz da presidenciável Marina Silva em Santa Catarina. Com três eleições em seu currículo (duas à prefeitura de Florianópolis, em 1996 e 2000 e uma ao governo estadual, em 1998), Portanova volta à disputa majoritária com um discurso que, para ele, está cada vez mais em evidência. Até por isso escolheu a palavra “sustentável”, como a que define a sua candidatura e o que quer para SC caso seja eleito.

O senhor foi candidato em 1998 para o governo, na época pelo PV. O que muda daquela candidatura para essa?

Há 20 anos o discurso ambiental era um discurso quase marginal, que as pessoas davam pouca atenção. Hoje é contrário. Ele está no centro do debate internacional. O discurso do aquecimento não é um discurso de ambientalista, é um discurso da ciência, que mostra como o desenvolvimento da sociedade industrial levou ao esgotamento dos recursos naturais e que pode fazer com que a sociedade entre em colapso. Para isso existem várias alternativas e que estão no nosso plano de governo, como por exemplo uma nova matriz energética, um novo modal de transporte. Não dá para ficar no transporte rodoviário da maneira com que nós o conhecemos e ficar dependendo de um único combustível fóssil que é o petróleo.

E como o senhor pretende mudar isso no âmbito de um Estado da federação?

Em primeiro lugar o Estado faz parte de uma federação, que faz parte de um sistema internacional. A primeira coisa é buscar os bons projetos a nível internacional, como por exemplo fazer a transição da nossa energia para energia solar, energia eólica, e hoje infelizmente no Brasil nós temos as grandes empresas de energia impedindo que se venha a ter essa energia pessoal, solar. Se nós chegarmos ao governo, haverá a isenção para adoção de energias que tenham baixo impacto de carbono, colaborando para o desenvolvimento de sustentabilidade na área energética e contra o impacto que as grandes barragens têm.

O assunto meio ambiente veio à tona, como o senhor falou, mas isso não significa necessariamente emplacar partidos como a Rede e o PV. Como o senhor pretende deslanchar a candidatura daqui até outubro?

Olha, não sei. François Mitterrand levou 16 anos para ser presidente da França tentando várias eleições. O Lula levou três eleições até virar presidente. Como nós estamos em um tempo mais rápido, a Marina só vai precisar perder duas eleições para ser presidente. Nós temos um partido que tem três anos e que pode eleger a próxima presidente do Brasil. Isso mostra que nós estamos em um impasse. De um lado as forças do retrocesso, que podem levar o país à barbárie. Do outro lado as forças da civilização, que pode pensar em inovação tecnológica, em cidadania integrada, e principalmente em diversidade cultural. Se tem um lugar que tem diversidade, é na Rede Sustentabilidade.

Em SC, quais seriam essas forças do retrocesso?

Aquelas que ainda questionam os valores da democracia, que ainda advogam pela volta da ditadura militar, que têm observado as questões de gênero e de sexualidade como uma espécie de desvio. Ou seja, todos aqueles que não admitem os avanços dos movimentos sociais. Socialismo acho que contribuiu muito para que nós discutíssemos o mundo do trabalho. Mas hoje existe o mundo da mulher, dos costumes, dos indígenas.

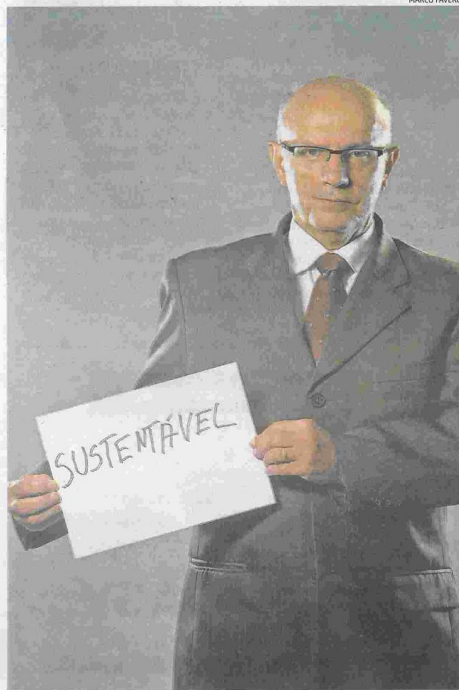
Tudo isso nós estamos abarcando e trazendo como essa pluralidade necessária para a transformação da sociedade e para que a democracia seja aprofundada e não para que haja um retrocesso. E por outro lado nós temos também aqueles que apenas trocam de lugar, hora estão com um, hora estão com outro. E é exatamente esse o quadro que nós vemos em SC. Os mesmos de sempre, aqueles que fizeram a crise, e que não vão tirar nem o Estado, nem o país da crise. Vai ser preciso votar diferente, pensar diferente, e ter uma alternativa. Acredito que esse seja o nosso papel.

O senhor citou a candidatura da presidenciável Marina Silva. Nas duas vezes em que ela foi na disputa ficou na faixa dos 20% dos votos, uma candidatura de peso nacionalmente, e ficou abaixo disso em SC. As ideias de Marina Silva têm mais dificuldade de penetração aqui?

Acredito que há de um lado um desconhecimento e do outro uma articulação política que não se permitiu conhecer efetivamente a candidatura. Em 2010 foi Rogério Novaes o candidato a governador que não concorreu pela Ficha Limpa, ganhou 0% dos votos e praticamente escondeu a candidatura dela. Em 2014, o PSB fechou com o Paulo Bauer e o candidato era efetivamente Aécio Neves. Pela primeira vez, existe uma candidatura que assume integralmente os valores, os projetos, os princípios de Marina Silva, e que pretende reproduzir esses 13%, 14% aqui no Estado. Com isso a gente vai cumprir com a cláusula de barreira e eventualmente mesmo com um número pequeno de candidatos fazendo uma campanha pelo programa, fazer o voto de legenda necessário para chegar à Assembleia Legislativa e à Câmara dos Deputados. Essa é a grande diferença. Não existia uma perfeita harmonia entre as candidaturas estaduais e a candidatura de Marina Silva. Hoje nós acreditamos que estamos em perfeita harmonia e nos diferenciamos de todos os demais candidatos. A única proposta que tem como base a sustentabilidade é a nossa. O resto é o mesmo de sempre.

Uma candidatura com chapa pura, poucos meses para trabalhar daqui até outubro. Como a Rede vai trabalhar daqui até a eleição?

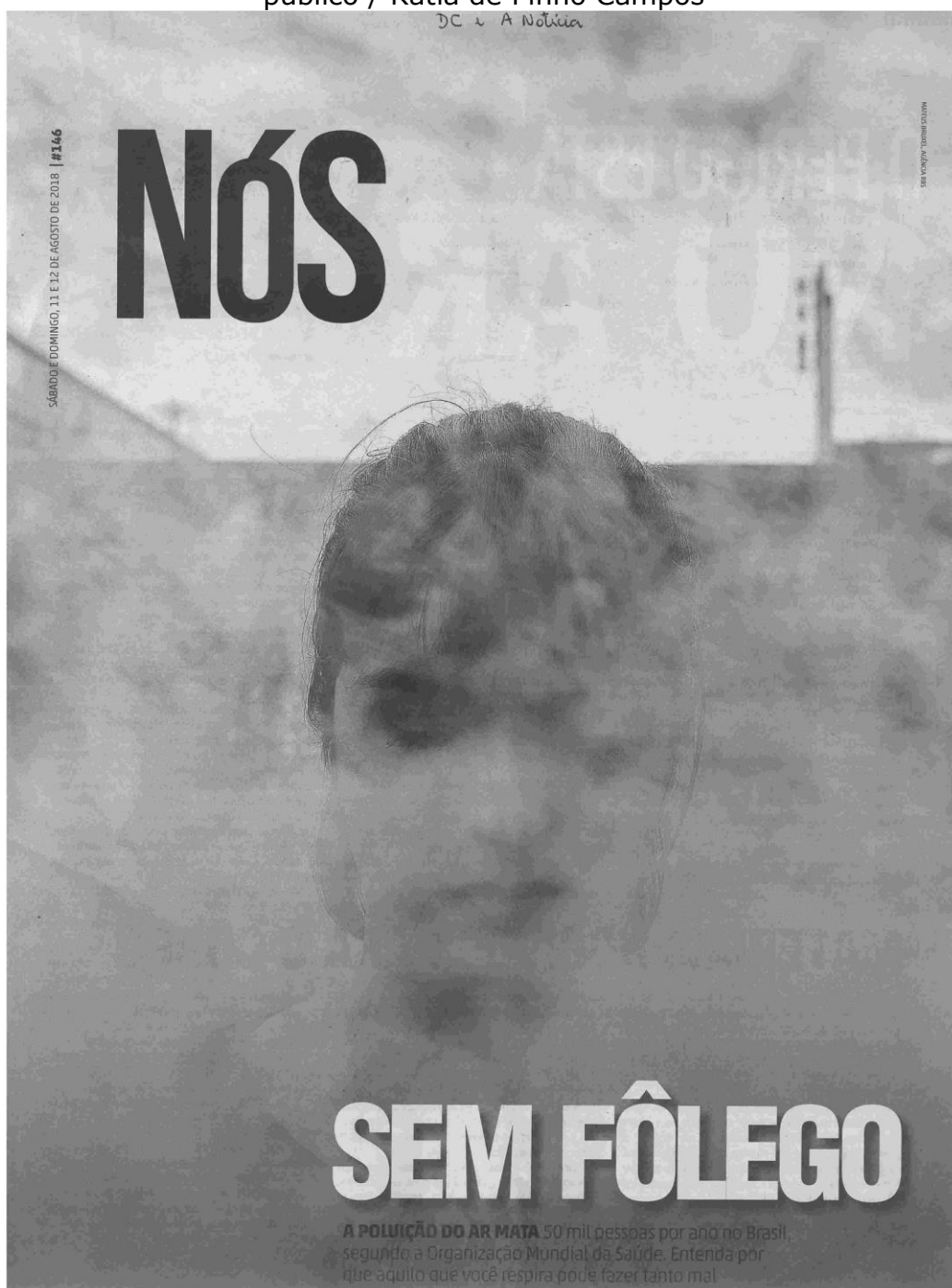
A minha avó já dizia: antes só do que mal acompanhado. Nós estamos muito bem porque a grande aliança que nós fizemos foi com as ONGs, com os movimentos sociais e com a sociedade em geral. A Rede Sustentabilidade é talvez o partido que tem o maior número de candidatos cidadãos. Nós temos candidatos do meio ambientalista, lá de Blumenau, por exemplo. Nós temos candidatos indígenas, que vieram do movimento das mulheres, da luta da negritude. Diversos movimentos sociais incorporaram a Rede, sem fazer parte organicamente do partido. Estamos antecipando o que já vai ser lei a partir de 2020. A grande aliança que nós fizemos: primeiro, com a sociedade civil organizada. A segunda a gente espera ser com o povo catarinense que mais de 50% ainda não escolheu seu candidato e que tem o mesmo nojo e a mesma indignação com a política que nós temos. A gente, como os demais, vai procurar esse candidato que ainda não tem voto.



MARCO FAVERO

Diário Catarinense e A Notícia
Caderno Nós
"O perigo está no ar"

O perigo está no ar / Poluição / Organização Mundial da Saúde / OMS / Brasil / Doenças / Conselho Nacional do Meio Ambiente / Conama / Santa Catarina / Instituto de Meio Ambiente / IMA / Laboratório de Controle da Qualidade do Ar / UFSC / Combustíveis / Instituto de Física da Universidade de São Paulo / Saúde pública / Paulo Saldiva / Simone Miraglia / Universidade Federal de São Paulo / Unifesp / Material particulado / Ozônio / Dióxido de nitrogênio / Dióxido de Enxofre / Monóxido de carbono / Políticas públicas / Roger Pirath Rodrigues / Mobilidade urbana / Transporte público / Katia de Pinho Campos



O PERIGO ESTÁ NO AR

A poluição que respiramos todos os dias pode trazer prejuízos para a saúde

MARCEL HARTMANN

Não estamos em um campo de guerra, mas, diariamente, respiramos um ar que pode nos matar. Segundo levantamento divulgado em maio pela Organização Mundial da Saúde (OMS), nove em cada 10 pessoas no mundo respiram ar poluído. No Brasil, ele é responsável pela morte de 50 mil pessoas a cada ano, por causar doenças como câncer de pulmão, ataque cardíaco e derrame cerebral. O documento alerta sobre um assunto que jogamos para debaixo do tapete (ou melhor, pela chaminé e pelo carburador): nosso estilo de vida está agredindo o planeta e, ao mesmo tempo, a nós mesmos.

– Pelos dados que temos, pode-se dizer que alguns municípios e regiões metropolitanas do país ainda apresentam índices altos de poluição, ultrapassando os níveis de referência da OMS para qualidade do ar em mais de cinco vezes. O Brasil também tem um problema sério com as queimadas, que comprometem a qualidade do ar em áreas urbanas nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste – diz Katia de Pinho Campos, coordenadora de Determinantes da Saúde do escritório da OMS brasileiro.

No mundo, a poluição atmosférica e dentro de residências (gerada na queima de lenha ou de querosene) provocou 7 milhões de mortes em 2016 – principalmente entre moradores de grandes cidades e de países de média e baixa renda em especial na Ásia e na África. As populações mais afetadas são crianças de até cinco anos, idosos e pessoas com problemas respiratórios (como asma) ou cardíacos (pressão alta ou

insuficiência). O estudo leva em conta relatórios oficiais de localidades que registram a qualidade do ar pelo menos desde 2008.

Uma resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) de 1989 define os Estados como responsáveis pelos sistemas para verificar a poluição atmosférica, mesmo assim, a pesquisa da OMS não apresenta números de nenhuma cidade catarinense. Isso porque, em Santa Catarina o Instituto de Meio Ambiente (IMA, antiga Fatma), que deveria fazer o monitoramento, não possui estações de controle e nem dados da poluição atmosférica no Estado. Uma análise do Laboratório de Controle da Qualidade do Ar da UFSC registrou a quantidade de material particulado (MP) – uma poeira fina criada pela queima de combustível e pelo atrito de pneus no asfalto – em Florianópolis entre 2011 e 2016. A média anual ficou em 24 microgramas por metros cúbicos, acima do limite recomendado pela OMS, que é de 20 microgramas por metro cúbico.

ÔNIBUS E CAMINHÕES ENTRE OS PRINCIPAIS POLUENTES

No Brasil, as indústrias eram a principal fonte de poluição até a década de 1980. Mas, nos anos 1990, muitas empresas se mudaram para o interior e os veículos passaram a ser os principais emissores de poluentes em conglomerados urbanos.

Dos combustíveis, o diesel, usado em ônibus e caminhões, é o mais agressivo. Na capital paulista, pesquisa do Instituto de Física da Universidade de São

Paulo (USP) publicada em julho apontou que ônibus e caminhões, apesar de representarem apenas 5% da frota veicular da cidade, são responsáveis por 50% dos poluentes. Uma solução simples, sugerem os autores, é instalar bons filtros no escapamento.

– É um problema de saúde pública difícil de resolver. Se invento um jeito de acabar com o mosquito da malária, ganho um prêmio. Se invento uma maneira de exterminar os carros, serei extraditado para Plutão. Subsidiemos uma mobilidade ultrapassada. Há interesses econômicos, com um lobby organizado no Congresso e questões culturais. Mas não faz sentido: se você computar os custos de mortalidade precoce e atendimentos hospitalares por poluição, verá que, além de vidas, também perdemos dinheiro – avalia o patologista Paulo Saldiva, professor da USP que fez uma pesquisa cujo resultado apontou que permanecer duas horas no trânsito de São Paulo equivale a fumar um cigarro.

A pesquisadora Simone Miraglia, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), calculou esse prejuízo econômico para 2014 ao analisar o ar de 29 regiões metropolitanas do país. Descobriu que a grande concentração de material particulado causou a morte prematura de mais de 20 mil pessoas. O prejuízo aos cofres do Ministério da Saúde foi de US\$ 1,7 bilhão – 2% do orçamento da pasta no ano.

Em outro estudo, ao analisar a poluição de São Paulo, ela mostrou que, se a quantidade de poluentes caísse em 25%, a expectativa de vida da população cresceria em cinco meses.

* Colaboraram Aramis Merkl II e Mayara Vieira

MATERIAIS NOCIVOS PARA O CORPO

A quantidade de poluição no ar depende do número de fontes emissoras (muitos veículos e indústrias, uso de lenha e gás na cozinha), do relevo e do clima da cidade. Lugares com pouco vento e chuva ou que são circundados por morros tendem a ser mais poluídos. No inverno, a poluição piora, porque o frio dificulta que ela se afaste do solo.

Quem vive em regiões com ar muito sujo pode apresentar sintomas fáceis de notar, como garganta e boca secas, falta de ar e tosse – tentativas do corpo de jogar para fora os intrusos que entram pelo sistema respiratório. Outros sinais são silenciosos: maior risco de infarto, obesidade, prejuízo à memória e até mesmo impacto na fertilidade (leia mais ao lado).

Os chamados materiais particulados são os principais responsáveis por atentar contra nossa saúde.

São eles que sujam de cinza as fachadas de edifícios. No organismo, entram pelas narinas até o pulmão e, a partir daí, espalham-se pela corrente sanguínea e o corpo inteiro – chegando, inclusive, ao cérebro.

Na Europa, uma série de países se movimentou para banir o diesel dos veículos. A Noruega quer fazê-lo até 2025, e a França, até 2040. A ambição, no entanto, contrasta com a dificuldade de implantar estações de recarga para carros elétricos. Sem contar que há uma pressão econômica: milhões de empregos dependem diretamente da indústria automotiva.

A China também busca conter a fumaça: em 2014, o governo determinou que as áreas urbanas reduzissem os níveis de poluição em pelo menos 10%. Para isso, proibiu novas termoeletricas, trocou carvão por gás natural nas indústrias e restringiu o número de carros

nas ruas. Até agora, vem dando certo. Em Pequim, após a prefeitura investir US\$ 120 bilhões no assunto, os índices caíram 35%. Esforços assim são vistos como uma forma de melhorar a saúde da população.

Doenças respiratórias são causadas e acentuadas pela poluição atmosférica. Problemas cardiovasculares também se relacionam com a qualidade do ar.

– A partir do momento que a pessoa se expõe às partículas, há uma absorção pelo organismo e isso gera um processo inflamatório. Isso costuma afetar nosso sistema cardiovascular e nossas artérias ficam sensíveis. É como se a pessoa estivesse fumando um cigarro, e aquele cigarro machucasse a parede da artéria. Claro que é em uma proporção muito menor, mas a poluição tem o mesmo efeito – explica o médico pneumologista Roger Pirath Rodrigues.

OS EFEITOS NO ORGANISMO

DOENÇAS RESPIRATÓRIAS

● As vias aéreas são o *hall* de entrada da poluição, portanto os pulmões são os órgãos mais vulneráveis. Os gases e o material particulado que inalamos chegam aos brônquios e, em seguida, caem na corrente sanguínea. A partir daí, espalham-se pelo corpo todo. Quem vive em zonas de grande poluição costuma ter mais crises asmáticas e redução do desempenho pulmonar. Os bebês estão entre os mais vulneráveis, pois é logo após o nascimento que são formados 80% dos alvéolos, onde ocorrem as trocas gasosas – assim, alterações no pulmão podem prejudicar a expectativa de vida. Metade dos casos de pneumonia em crianças é causada pela poluição. Entre os adultos, o câncer de pulmão é outra consequência, porque o material particulado afeta a membrana das células, um gatilho para alterar o DNA de células.

CÉREBRO

● Estudos apontam que o material particulado prejudica as conexões entre os neurônios, o que poderia estar relacionado a problemas de memória, aprendizagem e Parkinson. A poluição aumenta a presença de compostos de ferro no cérebro, um marcador muito comum em quem tem Alzheimer. Também já foi notado que a poluição gera estresse oxidativo (envelhece os neurônios) e que crianças gestadas e criadas em áreas de grande fluxo de carros têm pior memória e aprendizagem do que aquelas que cresceram em locais menos poluídos.

CORAÇÃO

● O sistema cardiovascular é uma grande vítima: a poluição e, em especial, o monóxido de carbono, impede que os glóbulos vermelhos transportem oxigênio, o alimento das células do corpo – em última instância, isso causa a morte celular. Para coroar, os gases da poluição aumentam a produção de radicais livres, que geram inflamação nos vasos sanguíneos, impedindo a produção de óxido nítrico, um vasodilatador. Os vasos ficam mais estreitos, o que aumenta o risco para pressão alta, entupimento de artérias e aterosclerose. Há estudos verificando que quem vive em regiões poluídas tem pressão mais alta, o que, a longo prazo, pode contribuir para arritmia, derrames e infartos. A poluição também aumenta a capacidade do sangue de coagular. Assim, ele se torna mais viscoso, o que sobrecarrega o coração e aumenta o risco para entupimento de artérias e a formação de trombos, causa de acidente vascular cerebral (AVC).

AUMENTO DE PESO

● A ciência vê indícios de que a poluição desequilibra o sistema endócrino, principal responsável pela produção hormonal. Com a alteração no metabolismo, o apetite e o funcionamento da queima calórica ficam desregulados.

SISTEMA REPRODUTOR

● Paulo Saldiva, da USP, conduziu um estudo cuja conclusão aponta que, em bairros de São Paulo com maior tráfego de carros, é maior o índice de nascimento de meninas, em vez de meninos. Também há evidências de que a qualidade dos espermatozoides é prejudicada e que a ejaculação diminui. Tudo está relacionado ao desequilíbrio na produção de hormônios, em especial na progesterona (feminino) e na testosterona (mais produzido em homens). Ainda há maiores riscos de aborto e de o bebê nascer prematuro e com baixo peso.

OS PRINCIPAIS VILÕES

MATERIAL PARTICULADO

O que é

● Mistura de partículas líquidas e sólidas que flutuam no ar, criadas na queima de combustíveis, no atrito do pneu no asfalto e até do cigarro. Entre os agentes nocivos estão silício, titânio, alumínio, ferro, níquel, chumbo e óxidos de enxofre e de nitrogênio. O material particulado está ligado à maior incidência de câncer e problemas respiratórios.

Efeitos

● É o pior poluente, responsável por envelhecer as células. Está diretamente relacionado a doenças e mortes por problemas cardíacos e pulmonares e à maior vulnerabilidade a infecções por doenças respiratórias.

OZÔNIO (O3)

O que é

● É resultado da reação química entre a luz solar e agentes poluentes (como o dióxido de nitrogênio) e compostos orgânicos voláteis (como hidrocarbonetos, derivados da queima de combustíveis). Normalmente, aumenta na hora do *rush* das cidades grandes e atinge o ápice à tarde.

Efeitos

● Irrita o sistema respiratório (tosse, dor de garganta, dor no peito ao inspirar profundamente), agrava a asma, diminui o fôlego, agride as células dos pulmões e reduz as suas defesas, inflama pulmões e brônquios, o que os deixa mais vulneráveis a infecções.

DIÓXIDO DE NITROGÊNIO (NO2)

● É expelido na combustão dos motores de carros, barcos e centrais elétricas. Motores a diesel emitem uma quantidade ainda maior. É um grande responsável por asma e problemas respiratórios em crianças.

DIÓXIDO DE ENXOFRE (SO2)

● Nasce da queima de combustíveis fósseis, como carvão e petróleo, em veículos e termoelétricas. Em contato com o oxigênio, ele se transforma em ácido sulfúrico (H2SO4), que irrita as vias respiratórias.

MONÓXIDO DE CARBONO (CO)

● Ao ar livre, é expelido por automóveis. Em ambientes internos, aparece no uso de aquecedores a óleo, churrasqueiras e fogão a gás e cigarro. Em grandes quantidades, o CO diminui a capacidade do sangue de transportar oxigênio.

NAS MÃOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Há soluções para conter os efeitos da atividade humana na atmosfera. Individualmente, você colabora ao deixar o carro na garagem em prol do ônibus e da bicicleta, checar se o filtro de ar do seu veículo está funcionando bem, usar fogões e combustíveis limpos, reduzir o lixo doméstico e reciclá-lo. Na hora do esporte, evite correr em ruas com grande fluxo de veículos. Durante a atividade física, o volume de ar inalado é maior, então a exposição ao ambiente poluído também é mais alta.

– Seria preciso aferir, mas é perceptível que em uma região como a Beira-Mar Norte, em Florianópolis, em um momento de pico do tráfego, a pes-

soa pode perder os benefícios da atividade física em função da exposição aos poluentes. – destaca o pneumologista Roger Pirath Rodrigues.

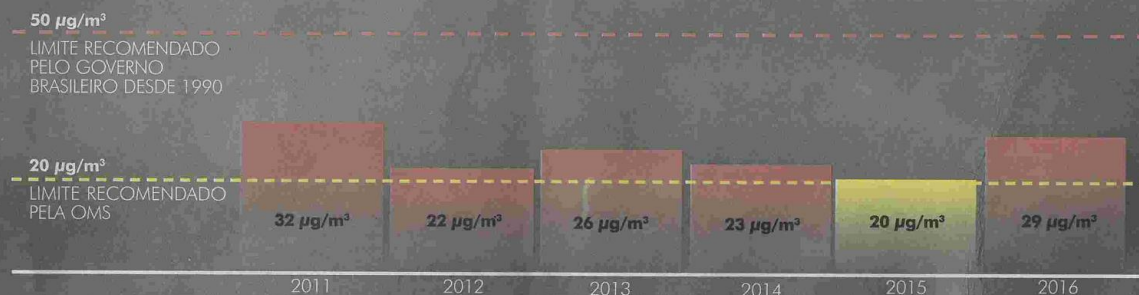
Mas a saída de maior relevância depende de políticas públicas, algo em que vamos mal. Enquanto no exterior o incentivo é para melhorar transporte público e ciclovias, por aqui o assunto mobiliza pouco.

É sintomático que SC não tenha, por exemplo, um Plano de Controle de Poluição Veicular (PCPV). No ano passado, a Justiça Federal condenou o Estado a elaborar o plano, depois de uma ação movida pelo Ministério Público Federal, e o Estado recorreu pela segunda vez da decisão.

– É preciso que as evidências sobre os riscos e efeitos na saúde já reconhecidos estejam na pauta das demais políticas públicas, como as de meio ambiente, mobilidade urbana, transportes, indústria e comércio ou de agricultura. Isso deve ser feito por meio de legislações que estabeleçam os níveis permitidos, que tenham bons sistemas de monitoramento e vigilância e que desenvolvam ações locais para redução das fontes de poluição, como a melhoria do transporte público, a qualidade dos combustíveis e dos motores dos carros, a fiscalização das fontes fixas e das queimadas – diz Katia de Pinho Campos, da OMS no Brasil.

MÉDIA ANUAL DE POLUIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS

EM MICROGRAMAS POR METRO CÚBICO DE MATERIAL PARTICULADO (MP 10*)



*MP 10: material particulado com diâmetro menor que 10 micrômetros

Fonte: Laboratório de Controle da Qualidade do Ar da Universidade Federal de Santa Catarina

FALTA DE FISCALIZAÇÃO É EVIDENTE

A fiscalização brasileira, em específico, é um problema básico: acompanhamos muito mal a poluição do ar, o que dificulta a elaboração de políticas adequadas – como investir em mudanças sem ter real dimensão do problema?

Leonardo Hoinaski, supervisor do Laboratório de Controle da Qualidade do Ar da UFSC, observa esta ausência:

– Pouco se sabe sobre a qualidade do ar de Santa Catarina até o momento. Existem iniciativas pontuais, de cunho científico, e os levantamentos das indústrias, que não são divulgados.

Os Estados vizinhos, mesmo longe do ideal, estão melhores que SC: o Paraná possui oito estações de monitoramento e o Rio Grande do Sul tem 13. O IMA, que é o órgão que deveria acompanhar os números da qualidade do ar no Estado, afirma, em nota, que o instituto tem quatro iniciativas para começar o monitoramento. Uma delas, em parceria

com a Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), projeta instalar equipamentos homologados em Criciúma, Florianópolis, Joinville, Blumenau e Chapecó ainda este ano.

O laboratório do professor Leonardo Hoinaski tem uma parceria recém-firmada com a Secretaria de Desenvolvimento Social para investigar quais são as fontes emissoras de poluentes em Santa Catarina. Já se sabe quais os principais problemas de cada região, como a poluição veicular na Grande Florianópolis (a Capital, São José e Palhoça tinham uma frota de 617,6 mil veículos em julho). No Norte e no Vale, por exemplo, as emissões das indústrias também contribuem para o índice de poluição, lembrando que SC possui, de acordo com a Confederação Nacional da Indústria, o quinto maior parque industrial do país.

– Necessitamos de estudos que investiguem a qualidade do ar, que proponham um plano de ges-

tão da qualidade a longo prazo, que resolva a situação. E também indique à população informações quanto ao ar que se respira – afirma Hoinaski.

Mesmo se os dados fossem colhidos e os números estivessem dentro do limite estipulado pelo governo federal, haveria um problema: a regra brasileira é defasada, foi definida em 1990 e não inclui a contagem de partículas mais finas de poluentes, levadas em conta por entidades internacionais. Aqui no Brasil, o limite anual – 50 µg/m³ (microgramas por metro cúbico – é mais do que o dobro do estipulado pela OMS, de 20 µg/m³).

Por fim, o professor Leonardo Hoinaski ressalta o risco da poluição atmosférica e, ao mesmo tempo, a necessidade da fiscalização.

– É um tipo de poluição invisível. Você realmente não sabe se aquele ar é de boa qualidade, mesmo suspeitando que seja. Então é necessário fazer a investigação – ressalta Hoinaski.

CLIPPING DIGITAL

11/08/2018

[Pós-graduandos questionam exigência de inglês para estudar em Portugal](#)

[Novo presidente do FIESC: "O Brasil tem que passar por uma reengenharia"](#)

[Florianópolis terá Núcleo de Educação Infantil para 120 crianças](#)

[Poluição do ar: soluções dependem de políticas públicas](#)

12/08/2018

[Prazo para concurso da UFSC encerra hoje](#)

[Diretor-geral da PF relata detalhes da prisão de Lula e da situação após suicídio do reitor da UFSC](#)

[Diretor da PF esclarece entrevista com professores da UFSC, após suicídio de reitor](#)

[Prazo para concurso da UFSC encerra hoje](#)

['Moro exigiu que a gente cumprisse logo o mandato'](#)

[José Hamilton Ribeiro aponta importância do jornalista contra as fake news](#)

[Escolas da rede municipal terão mais inovação tecnológica](#)

[Impactos da nova Base Nacional de Educação serão debatidos na Unesc](#)

[Hipopótamos de Pablo Escobar invadem rio na Colômbia](#)

['Procedimento era soltar Lula', afirma Galloro sobre dia em que Fraveto concedeu HC](#)

[Caso do reitor Cancellier: Diretor da PF defende inquérito contra professores que protestam](#)

[Nissan Leaf vai dar energia ao Brasil](#)

[Nissan begins researching battery second life in Brazil](#)

"O Brasil tem que passar por uma reengenharia"

**Histórias que eu gosto de contar: novo livro infantil de Cléo Busatto
aborda narrativas populares**